

## A PARTICIPAÇÃO BAIANA NA CONSOLIDAÇÃO DA ARQUIVOLOGIA COMO CIÊNCIA

Leila de Santana Silva (UFBA) leila\_santana2@yahoo.com.br<sup>1</sup>

### Resumo

Neste artigo discutimos alguns aspectos teóricos que auxiliam a caracterizar a Arquivologia para além de sua atividade mais evidente de guarda, conservação e preservação de documentos, mas como ciência produtora de conhecimento, levando-se em consideração o chamado valor social da informação. Pretende-se com essa pesquisa contribuir para a compreensão dos profissionais da área quanto à necessidade de abordagens dos fundamentos epistemológicos da Arquivologia, e não somente quanto aos de ordem prática ou técnica, na construção de um conhecimento arquivístico que contribua efetivamente para a consolidação da área como ciência. Pretende-se ainda verificar qual a contribuição da Arquivologia na Bahia para atingir esse fim. Para tanto, o referencial empírico consistiu na análise dos trabalhos publicados entre 1998 e 2008 pelos professores ativos do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Evidencia-se assim que as discussões acerca do papel da Arquivologia como ciência, ainda estão em forma embrionária, havendo a necessidade de abordagens mais críticas da Arquivologia a partir de um questionamento de seus próprios fundamentos teóricos.

**Palavras-chave:** Conhecimento, Informação Arquivística, Arquivologia como Ciência

### Abstract

On this paper we discuss some theoretical aspects that helps to characterize the Archival Science beyond the more evident aspects as guarding, conservation and preservation of documents, but as a knowledge producing science, considering the social value of the information. We pretend with this research contribute for the comprehension of the area's professionals about the necessity of working on the epistemological fundamentals of Archival Science, not only about it's practical or technical aspects, but in the construction of a Archival Science knowledge that contributes effectively to the consolidation of the area as a science. We pretend yet verify which is the effective contribution of the on Bahia to reach this goal. For this, the empirical reference consisted of the analysis of research works published between 1998 and 2008 by the active teachers of Instituto de Ciência da Informação (Institute of Information Science – ICI) of the Universidade Federal da Bahia (Bahia's National University – UFBA). With this, we can show that discussions regarding the place of Archival Science as a science are still in early stage, and more critical discussions are needed to question the theoretical fundamentals of Archival Science itself.

**Key-Words:** Knowledge, Archival Information, Archival as Science.

### Introdução

De modo geral é observado que a preocupação recorrente dos profissionais de Arquivologia encontra-se mais voltada para a parte técnica da área, ou seja, suas atividades mais evidentes de guarda, conservação e preservação de documentos, enquanto que a cientificidade desta é alocada periféricamente. A escassez de literatura que aborde essa

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquivologia  
Instituto de Ciência da Informação da UFBA

questão epistemológica da área tem levado alguns autores até a duvidarem da sua cientificidade. Para que essa visão da Arquivologia no sentido apenas custodial venha a mudar, faz-se necessário que se desenvolvam discussões que envolvam a Arquivologia com uma visão científica mais abrangente, através de elementos que a identifiquem como uma ciência.

Do ponto de vista histórico, o ano de 1988 tornou-se um marco para a Arquivologia, pois através do Groupe Interdisciplinaire de Recherche en Archivistique (GIRA), da Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação, da Universidade de Montreal, teve início uma série de discussões que tentavam reavaliar os fundamentos epistemológicos da Arquivologia, visando, com isso, identificá-la como área autônoma do conhecimento (FONSECA, 2005, p. 11). No entanto, não tem sido uma prioridade entre os profissionais da Arquivologia contemporânea o desenvolvimento de reflexões semelhantes à proposta pelo GIRA, conforme se observa através da identificação dos temas mais recorrentes em publicações especializadas e encontros de arquivistas nos últimos anos. Jardim (1998, p. 2) confirma essa percepção, ao afirmar que:

A Arquivologia – enquanto campo do conhecimento científico – tem sido alocada periféricamente como objeto de discussão, não constituindo o foco central dos temas abordados. [...] o CIA, no seu último congresso, ateve-se muito mais ao percurso da profissão do arquivista do que à Arquivologia como campo do conhecimento.

Entendemos, contudo, ser desejável o estabelecimento de um novo paradigma que oriente a transformação da Arquivologia tradicional em uma Arquivologia pós-custodial, – denominação para a corrente de pensamento que busca uma renovação no modo de saber e fazer para a Arquivística do século XXI - paradigma este se traduza numa Arquivologia com visão científica mais abrangente. Conforme análise de Thomassen (apud FONSECA, 2005 p. 59, grifo nosso):

Pela primeira vez em seu desenvolvimento, a Arquivologia está se transformando em ciência. Em sua fase pré-paradigmática [anterior ao *Manual dos holandeses*] não era uma ciência de forma alguma, e em seu estágio clássico não foi mais que uma ciência auxiliar da história, mas agora, **em sua etapa pós-moderna, está adquirindo estatura de ciência, tão autônoma quanto as outras ciências da informação e quanto a história.**

Tal visão é compartilhada por Silva e outros (2002, p. 213), ao comentar que a Arquivologia “pode e deve ser uma ciência para além do meramente instrumental ou técnico, o que, desde logo, obriga a substituir o primado do fazer pelo do conhecer”.

Uma Arquivologia pós-moderna ou pós-custodial, nesta perspectiva, se transforma efetivamente numa ciência produtora de conhecimento, na medida que a informação e o

próprio conhecimento se tornam elementos centrais no conjunto de objetos de estudo desta área.

É neste contexto que surgiu a maior parte dos cursos de Arquivologia de nível superior no Brasil. Eles nascem com o objetivo de formar profissionais capazes de **arquivar** adequadamente, mas também de preparar profissionais que sejam capazes de **pensar** e **desenvolver** a área. Com o Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia não é diferente. Criado a dez anos, único na Bahia, ele apresenta três competências básicas a serem desenvolvidas na formação do arquivista<sup>2</sup>:

Como profissional, deve possuir conhecimentos sólidos e atualizados que o permitam abordar e tratar problemas novos e tradicionais do fazer arquivístico [...]. Como ser social, deve estar preparado para interagir na sociedade, consciente de sua responsabilidade com a memória histórica e cultural de nosso país, refletindo criticamente sobre a realidade que o envolve e sabendo utilizar o conteúdo do curso de Arquivologia de forma ética e política, tendo consciência da importância da repercussão do uso da informação. No campo intelectual, **deve estar preparado para a investigação técnico-científica, para produzir e difundir conhecimentos**, buscando o aprimoramento constante através da educação continuada

Conforme destacado no trecho acima, a Arquivologia acadêmica na Bahia entende que a investigação científica e a difusão do conhecimento são inerentes ao fazer arquivístico. E não poderia ser diferente, já que a investigação científica contribui para a consolidação de qualquer disciplina como área autônoma do conhecimento. Como produto das investigações são gerados novos conhecimentos que são transmitidos para a comunidade científica, contribuindo, dessa forma, para que haja integração no meio científico e o avanço da ciência. No entanto, não se sabe se ao longo desses dez anos de formação em nível superior em Arquivologia na Bahia, a comunidade acadêmica vem produzindo conhecimento que contribua para a consolidação da área como ciência. Este é nosso questionamento, do qual deriva o objetivo desta pesquisa.

Assim, pretende-se com essa pesquisa contribuir para compreensão dos profissionais da área da necessidade de abordagens voltadas aos fundamentos epistemológicos da Arquivologia - e não somente os de ordem prática ou técnica - na construção de um conhecimento arquivístico bem fundamentado, para assim contribuir efetivamente para a consolidação desta como ciência, como veremos adiante.

---

<sup>2</sup> Toda caracterização do curso de Arquivologia da UFBA está disponível em <http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/ICI/Arquivologia>

## **Procedimentos Metodológicos**

Em seus aspectos metodológicos, a pesquisa fará uso tanto da pesquisa qualitativa quanto da pesquisa quantitativa uma vez que, estes dois tipos de pesquisas não são excludentes entre si, mas completam-se de maneira a fornecer uma compreensão mais clara da realidade pesquisada. .

Assim, torna-se oportuno esclarecer que, na busca pela compreensão desta mesma realidade, este “compreender”, na perspectiva de nosso trabalho, diz respeito ao “como” as coisas se dão aos indivíduos, constituindo-se, pois, nas técnicas e procedimentos apropriados aos fatos relacionados à realidade humana no prisma da Ciência da Informação. Em conformidade com o pensamento de Gadamer (2003, p. 154):

A verdadeira intenção do conhecimento histórico não é explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral, mesmo que esta última fosse subordinada aos desígnios puramente práticos de uma eventual previsão. Seu verdadeiro objetivo, mesmo utilizando-se de conhecimentos gerais, é, antes, compreender um fenômeno histórico em sua singularidade em sua unicidade.

Ainda que aqui Gadamer se refira ao conhecimento histórico, porém, em virtude da natureza epistemológica própria das ciências humanas, entendemos ser possível estender esta observação não apenas ao conhecimento histórico, mas ao conhecimento em geral.

Assim, para a execução deste trabalho de pesquisa, metodologicamente definimos duas etapas de trabalho: inicialmente, foi feita uma revisão de literatura, onde foi dada atenção ao levantamento bibliográfico, tomando-se o cuidado de selecionar autores que abordam a questão do conhecimento e da informação, do processo de transformação do conhecimento como produto final da informação, da identificação dos principais elementos constitutivos de uma ciência e, sobretudo, de que forma a Arquivologia está inserida nesse processo.

Pretendemos de início, discutir criticamente os conceitos de informação e conhecimento, e refletir acerca da natureza e validade dos saberes produzidos no universo destes dois conceitos que delimitam o campo de interesse da Ciência da Informação, bem como a conexão com a Arquivologia.

Como segunda etapa, o referencial empírico consistiu na análise dos trabalhos publicados entre 1998 e 2008 pelos professores ativos do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da UFBA. O período abrangido pela pesquisa vai desde a criação do curso de Arquivologia na Bahia até abril de 2008, momento em que foram coletados os dados. Foi feita

uma busca direta nos currículos dos professores do ICI na Plataforma Lattes<sup>3</sup>, visando levantar dados quantitativos dos artigos, capítulos de livros e livros ligados à Arquivologia, Ciência da Informação, conhecimento ou epistemologia, a partir da análise dos títulos dos trabalhos publicados nestes últimos dez anos.

A partir dos dados levantados, foi verificado que dos 24 professores, 15 publicaram nas categorias anteriormente citadas. Também foi constatado que houve uma maior incidência de trabalhos publicados no ano de 2006. Assim, dadas as limitações de tempo para realização desta pesquisa e considerando a especificidade do objetivo que se busca alcançar, tomamos os trabalhos produzidos no ano de 2006 como amostra para análise.

Nesta análise, busca-se categorizá-los, de acordo com os objetivos indicados pelos seus autores em: **“Teorização da prática”**, ou seja, trabalhos que demonstrem uma predominância da técnica, ainda que com retoques teóricos, mas com preocupação geral voltada para teorizar as questões práticas do fazer; **“Desenvolvimento de fundamentos teórico-metodológicos”** para os trabalhos que consistem na fundamentação de um corpo teórico da Arquivologia, desenvolvidos a partir de estudos e reflexões acerca dos pilares clássicos de uma ciência, que são o seu objeto e método ou com o objetivo de circunscrever suas fronteiras e assim estabelecer novos parâmetros ou paradigmas desta área do saber; **“Outros”** para os trabalhos que trate de temas que não possam ser classificados em nenhuma das duas categorias anteriormente citadas.

## **Informação e Conhecimento**

Torna-se necessário, antes de tudo, uma breve distinção dos conceitos de “informação” e “conhecimento”. Várias definições têm sido utilizadas para definir o termo “informação”, pois, do ponto de vista do senso comum, a informação e o conhecimento tornam-se equivalentes, ou seja, é difícil delimitar onde começa um e termina o outro. Entretanto, para Silva e outros (2002, p. 24) informação pode ser definida como:

[...] quase sinónimo de facto; é algo que se pode utilizar e de que, muitas vezes, se necessita; é a matéria-prima de que deriva o conhecimento; pode ser trocada com o mundo exterior e não simplesmente recebida; exerce efeito sobre o receptor; é utilizada em momentos de tomada de decisões, como um recurso importante; pode ser registrada sobre diferentes suportes; etc.[...] parecerá, pois, uma espécie de «substância», susceptível de ser movimentada, transferida, manipulada e «consumida», muitas vezes com vista à satisfação de uma necessidade psicológica. Assim sendo, essa substância deverá ter existência material e, conseqüentemente, terá de ser depositada sobre algo manuseável, ou seja, um suporte físico.

---

<sup>3</sup> Currículos disponíveis a partir de pesquisa na Plataforma Lattes, em <http://lattes.cnpq.br/>

A informação quando ordenada num contexto específico que seja passível de compreensão, gera conhecimento. Em outras palavras, para que a informação possa vir a ser transformada em conhecimento propriamente dito, faz-se necessário que o sujeito do conhecimento estabeleça interligações com diversas informações disponíveis, compreendendo-as na especificidade de cada contexto

Conforme Nonaka e Takeuchi (1997), o conhecimento é um conceito distinto da informação, estando ligado a crenças e compromissos que visem alguma finalidade específica. Também de acordo com Barreto (2002, p. 68), entende-se conhecimento como “um fluxo de acontecimentos, isto é, uma sucessão de eventos, que se realizam fora do estoque, na mente de algum ser pensante e em determinado espaço social. É um caminho subjetivo e diferenciado para cada indivíduo”.

Esta postura, que identifica acontecimentos que se passam na mente dos sujeitos do conhecimento, está em acordo com uma das principais correntes filosóficas do século XX, a fenomenologia, cujo principal postulado vem a ser a noção de intencionalidade, ou seja, como os dados imediatos da realidade se apresentam à consciência dos sujeitos.

A fenomenologia afirma que toda consciência é intencional, não existindo, por consequência, uma consciência pura, separada do mundo, como também não existe um objeto em si, pois que o objeto somente existe para um sujeito que lhe doa significados (HESSEN, 1999). A fenomenologia estabelece uma nova conexão entre o homem, sujeito do conhecimento, e o objeto a ser conhecido. Segundo Muralt (1998, p. 14),

Não poderia, pois, tratar-se do objeto em sua exterioridade material, aquele do qual o senso comum afirma sem mais a existência. A existência, o ser, é uma camada de significação no sentido objetivo total, uma característica de ser que necessita ser constituída transcendentemente como qualquer outra camada significativa. A correlação consciência-objeto é, portanto, mais exatamente, a correlação consciência-sentido objetivo, e a constituição transcendental é uma doação de sentido.

Em linhas gerais, a fenomenologia aborda os objetos do conhecimento tais como aparece, isto é, como se apresentam à consciência. Assim o homem procura interpretar a si mesmo e ao mundo em que vive atribuindo-lhes significados. Para isso, cria representações da realidade, que denomina conhecimento. Este, de modo geral é o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido.

O conhecimento científico preocupa-se com a abordagem sistemática dos fenômenos (objetos), tendo em vista seus termos relacionais que implicam noções básicas de causa e efeito. Ele difere do conhecimento empírico pela maneira de conhecer e pelos instrumentos metodológicos que utiliza. O conhecimento científico, englobando as seqüências de suas

etapas, configura um método. A utilização de métodos rigorosos permite que a ciência atinja um tipo de conhecimento sistemático, preciso e objetivo segundo o qual são descobertas relações universais e necessárias entre os fenômenos, o que permite prever acontecimentos e também agir sobre a natureza de forma mais segura (BACHELARD, 1998).

### **Elementos para uma Arquivologia como Ciência**

Uma definição clássica de ciência aponta esta como um estado do “saber”, mais especificamente o conhecimento teórico em oposição ao conhecimento prático. A Ciência, às vezes, pode ser também caracterizada como uma categoria ou um conjunto de conhecimentos.

De modo geral, a ciência pode ser compreendida como a observação, descrição, investigação experimental e teórica dos fenômenos. Essa definição, contudo, ainda é superficial e, por isso mesmo, não apresenta todas as implicações que fazem certa atividade humana ser considerada como ciência. Distinguir ciência moderna de outros empreendimentos requer atenção especial à sua **metodologia**, ou seja, os meios através dos quais se obtém resultados (POPPER, 1998). Dessa forma, para se compreender a ciência, é necessário conhecer seu **objeto** e compreender como funciona o **método científico** aplicado a esse objeto.

Assim, um dos aspectos a ser considerado em nossa abordagem é a identificação de elementos que nos permitam reconhecer a Arquivologia como ciência. É importante salientar – o que explica em parte a dificuldade em estabelecer novos parâmetros ou paradigmas desta área do saber – que o interesse por uma reflexão acerca dos fundamentos da Arquivologia com o objetivo de circunscrever suas fronteiras não tem sido um objetivo prioritário para os teóricos da desta área, o que tem levado dúvidas quanto à cientificidade do saber arquivístico, como é apontado por Silva:

A parca literatura sobre questões epistemológicas no âmbito da Arquivística encontra-se dispersa por revistas e colectâneas de acesso nem sempre fácil [...] **Certos autores acabaram por resvalar para domínios que nada têm a ver com a Arquivística, enquanto outros se limitaram a algumas considerações de natureza pragmática**, nem sempre primando pela ortodoxia, e pretendendo apresentá-las como resultado de uma reflexão teórica. **Isto tem levado alguns autores a duvidar da possibilidade de se encontrarem bases científicas para o saber arquivístico. Os seus argumentos incidem sobre o facto de estarmos perante uma prática multissecular que dispensa fundamentação teórica especializada.** (SILVA e outros, 2002, p. 203, grifo nosso).

Assim, nota-se que a teorização do saber arquivístico encontra-se ainda bastante escassa. Percebe-se a predominância da técnica, com uns retoques supostamente teóricos, ou

seja, uma preocupação de teorizar as questões práticas do fazer, mas esse conhecimento desenvolvido nem é reflexivo, nem crítico, nem acrescenta nada de novo, ou seja, não tem um caráter essencialmente científico. A mudança dessa visao implica uma reformulação do objeto da Arquivologia e, conseqüentemente, da sua metodologia, ou seja, uma revisão das suas premissas epistemológicas essenciais.

Somente no final dos anos 80, é que se percebe, ainda que “vagamente”, um interesse pela redefinição da Arquivologia como campo de saber autônomo. A área se desenvolve, ampliando-se em número as pesquisa que propõem discutir seus fundamentos teóricos com o objetivo de apontar novos horizontes, conforme também é apontado por Silva e outros (2002, p. 208):

[...] temos assistido, nos últimos anos, ao aparecimento de artigos avulsos em revistas especializadas, os quais elegem como tema a formulação de um corpo teórico animado por “novas” bases científicas e que ousam delinear, ainda que muito vagamente, os contornos de um saber arquivístico situado numa “zona” fluida, a que alguns autores chamaram era “post-custodial”.

Na chamada era da “Arquivologia clássica”, ou “custodial” o **objeto** da Arquivologia normalmente é identificado como o arquivo ou documento de arquivo. E sua **metodologia** consiste no tratamento dos documentos, ou seja, controle físico e intelectual deste (FONSECA, 2005, p. 56 e 57). Essa imprecisão quanto seu real objeto da Arquivologia custodial, constitui uma das críticas da Arquivologia pós-custodial (BRITO, 2005).

Nas chamadas era “pós-custodial” o **objeto** da Arquivologia “se desloca do arquivo, ou dos documentos de arquivo, para a informação arquivística e sua **metodologia** consiste no estabelecimento, na manutenção e na análise das relações entre os documentos e seus geradores” (FONSECA, 2005, p. 59). Contudo, conforme é salientado por Jardim (1999, p. 29): “A noção de informação arquivística é recente na literatura da área e ainda carece de verticalização teórica. Na verdade, a Arquivologia tende a reconhecer os arquivos como o seu objeto e não a informação arquivística”.

Na perspectiva de Silva e outros (2002) o arquivo é visto como um “sistema de informação” a partir do fenômeno informacional. A idéia de sistema, por sua vez, resulta no somatório de elementos interdependentes em um conjunto determinado, a partir da existência de coesão interna comum entre eles, quer dizer, o arquivo não pode mais ser pensado como a mera ligação extrínseca de duas coisas distintas — a estrutura orgânica e a função serviço/uso, mas deve ser pensado na sua totalidade, para assim desenvolver um conhecimento arquivístico. Ainda segundo esse autor “**o arquivo emerge, sistêmico, do fenômeno da informação** e pode dizer-se que ele mergulha fundas raízes na própria acção humana centrada



na sociedade e geradora aí da fenomenalidade informacional”(SILVA e outros 2002. p. 214, grifo nosso). A informação é vista como um “fenômeno”, resultante de um “processo informacional” que parte do princípio que se existe uma informação, essa precisa ser registrada, colocada em um suporte, orgânica, o que caracteriza informação arquivística, e que por detrás dessa informação existe uma fonte geradora, que abarca tanto um fator humano quanto um fator social.

Neste sentido, Silva e outros (2002) ainda afirmam que o processo informacional converte-se em “objeto complexo de conhecimento e não em mero auxiliar das indagações científicas”, não se reduzindo a um mero artefato humano e social. Desta maneira, a objetividade aceitável nos estudos da informação para a Arquivologia transcende as coisas determináveis e práticas, abarcando também aspectos vagos e fortuitos comuns à realidade humana e social. Dessa forma, a Arquivologia, uma ciência da informação social, tem por objetivo primordial o desenvolvimento de estudos acerca do arquivo no seu aspecto meramente funcional ou de serviço, ou seja, o arquivo como instrumento de transferência e recuperação da informação, mas também com capacidade de gerar problematizações pertinentes à atividade social humana implicada no processo informacional arquivístico. Silva e outros (2002) rejeita a premissa de que a Ciência da Informação teria como finalidade tão somente a transferência da informação de uma fonte para outra:

Consideramos demasiado unilateral e restritivo este enfoque epistemológico, porque parece ignorar a multiplicidade de *causas* e de *efeitos* implicados no “simples (?) acto de transferência. Quem indaga, interroga, explora, interpreta, investiga essas *causas* e esses *efeitos*? A Sociologia ou outra qualquer ciência social? Ou, como parece óbvio, as ciências da informação? (SILVA e outros, 2002, p. 36).

Ainda no contexto do pensamento de Silva e outros (2002), a Arquivologia deve, contudo, estabelecer efetivamente uma espécie de intercâmbio metodológico com as demais Ciências Sociais, mas determinando efetivamente um caráter transdisciplinar no processo de desenvolvimento do conhecimento científico. Entendemos que as Ciências Sociais é reconhecidamente uma área do saber com múltiplas metodologias.

Por fim, segundo Silva e outros (2002), a produção de conhecimento arquivístico se dá através de um Método que inclui a relação dinâmica de quatro pólos de investigação e análise: O **pólo epistemológico**: onde a comunidade científica dos arquivistas atua na permanente construção do objeto científico e a delimitação da problemática da investigação. Por meio da reformulação constante dos parâmetros discursivos, dos paradigmas e dos critérios de cientificidade — objetividade, fidelidade e validade — que norteiam todo o processo de

investigação; O **pólo teórico**: Onde se estabelece conceitos operatórios, hipóteses e teorias (plano da descoberta) e subsequente verificação ou refutação do contexto teórico elaborado (plano da prova); O **pólo técnico** : Onde se toma contato, por via instrumental, com a realidade objetivada através de observação casuística e da avaliação retrospectiva e prospectiva. E a confirmação ou infirmação dos conceitos em uso, das hipóteses e teorias preparadas para cada projeto de investigação (estudo de caso) e das leis postuladas ou a postular; O **pólo morfológico**: onde se parte não apenas para a configuração do objeto científico, mas também para a exposição de todo o processo que permitiu a sua construção, através da análise dos dados recolhidos, e assim reflete a eficácia das operações.

Com a utilização desses pólos de investigação é possível se construir um conhecimento arquivístico bem fundamentado e a Arquivologia deixa de ser uma área meramente técnica, substituindo dessa maneira, o “fazer” pelo “conhecer”, consolidando-a definitivamente como uma ciência (SILVA e outros, 2002).

### **Descrição e análise dos dados**

No universo dos professores efetivos em atividade, pesquisados no Instituto de Informação da Universidade Federal da Bahia, quase todos possuem pós-graduação strictu sensu. São 09 mestres e 14 doutores, enfatizando que, entre os mestres, 01 está em processo de doutoramento e 01 tem especialização. Por outro lado, em termos de enquadramento funcional, todos possuem dedicação exclusiva, ministrando aulas tanto nas graduações dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, quanto no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (neste caso apenas os doutores). Assim, é evidente o alto nível de capacitação e envolvimento dos professores do ICI/UFBA no ensino, na pesquisa e extensão, base de produção e difusão de conhecimento.

De acordo com nossa pesquisa, os principais meios utilizados para a divulgação da produção científica desses docentes foram os impressos (periódicos científicos, livros completos e capítulos de livros); e os eventos científicos (congressos, seminários e encontros dentre outros). Ainda nos eventos, entre os tipos de divulgação científica destacaram-se as comunicações e os resumos nos anais. E, conforme estabelecido nos procedimentos metodológicos, foram selecionados para efeito de análise, os títulos de os artigos, livros e capítulos de livros desenvolvidos pelos professores efetivos em atividade no ICI/UFBA, no período de 1998 a 2008, que tratassem de temas ligados ao Conhecimento, Epistemologia,

Arquivologia ou Ciência da Informação. Os resultados são apresentados na tabela que se segue:

**Tabela 1**

Trabalhos publicados por professores do ICI referentes às temáticas de análise – 1998 a 2008

ANO	Tipo de publicação			Total parcial por ano
	Artigo	Livro	Capítulo de livro	
1998	00	00	01	01
1999	01	00	07	08
2000	01	01	00	02
2001	01	00	00	01
2002	03	00	00	03
2003	01	01	02	04
2004	01	01	01	03
2005	06	02	01	09
2006	10	00	03	13
2007	05	01	01	07
2008	01	00	00	01
<b>Total geral por tipo de publicação</b>	<b>30</b>	<b>06</b>	<b>16</b>	<b>52</b>

Fonte: pesquisa direta/2008

Ainda conforme se observa na Tabela 1, ocorreu um crescimento quantitativo considerável destas três formas de divulgação do trabalho científico entre os docentes. Em especial, nos últimos anos, ou seja, 2005 a 2007 houve um crescimento acentuado de publicações, concentrado 55% de toda produção pesquisada nos dez anos de existência do Curso de Arquivologia do ICI/UFBA, considerando que a coleta de dados para este estudo ocorreu em abril de 2008, naturalmente os dados deste ano são, ainda, muito parciais.

Quando analisados separadamente, o artigo científico foi o meio de divulgação mais utilizado pelos docentes do ICI/UFBA, a exceção dos anos de 1998, 1999 e 2003, quando o capítulo de livro obteve um melhor desempenho, sendo este, o segundo meio mais recorrente de divulgação da produção acadêmica no ICI/UFBA, aparecendo o livro em terceiro lugar.

A média anual dos artigos publicados é de três artigos a cada ano. Contudo, percebe-se claramente um crescimento muito acentuado nos últimos três anos, especialmente o ano de 2006 quando foi atingido o pico, chegando a dez artigos produzidos. Isso representa uma evolução considerável no que tange esse canal de comunicação, principalmente porque estes possuem funções importantes como: o registro público do conhecimento, função social e a disseminação informação, conforme atesta Fonseca (2005, p. 73) “são importantes parâmetros de análise de configuração de campos científicos, e o interesse acadêmico de cada comunidade científica pelos ‘seus’ periódicos é referência também de sua maturidade”.

De forma semelhante, além da rapidez de produção e divulgação, bem como o alcance geográfico, Campanatti-Ostiz e Andrade (2005, p. 153) afirmam que "a publicação de artigos em periódicos científicos indexados favorece a velocidade, acessibilidade e visibilidade da produção de conhecimento". O decréscimo observado após 2006 não pode ser tomado como tendência em virtude, conforme relatado, desta pesquisa ser realizada ainda em meados de 2008, não se podendo verificar os números definitivos deste ano.

Conforme já mencionado, o capítulo de livro é segundo meio mais recorrente de divulgação da produção acadêmica no ICI/UFBA, aparecendo o livro em terceiro lugar. Chegando a ser publicado no ano de 2005 dois livros completos e sete capítulos de livros no ano de 1999, enquanto no período de 2003 a 2007, ainda que em número menor, percebe-se uma constância na publicação no que tange a este canal. São números bastante significativos para estes tipos de publicação, uma vez que devido à natureza da pesquisa nas áreas de Ciências Sociais, esta requer uma publicação mais extensa, como livros, pois assim atende melhor suas necessidades. Também uma disciplina no seu estágio de consolidação teórica e metodológica faz muito uso desse canal de comunicação (VANZ e CAREGNATO, 2006). A recorrência menor dos capítulos de livros e dos livros, talvez se deva, principalmente, a dificuldade de publicação nos meios editoriais, em que fatores econômicos estão atrelados à venda dos livros.

Considerando que a coleta de dados para este estudo ocorreu em abril de 2008, naturalmente os dados deste ano são, ainda, muito parciais. De qualquer forma, no período total analisado, é o ano de 2006 que tem uma maior incidência de produção, com um total de 13 trabalhos publicados, conforme observado na Tabela 1, sendo 10 artigos e 3 capítulos de livros. Por esta razão, tomou-se a produção de 2006 para uma análise mais detalhada, de acordo com as categorias estabelecidas de **Teorização da prática, Desenvolvimento de fundamentos teórico-metodológicos e Outros, conforme estabelecidos no procedimento metodológico.**

Dos 13 trabalhos, 8 tiveram abordagens ao que se categorizou como “outros assuntos”, que incluem os textos que, embora tratem de um dos quatro temas de análise, não podem ser caracterizados nem como teorização da prática, nem como desenvolvimento de fundamentos onde estão incluídos assuntos, tais como: memória, conhecimentos, dentre outros. Os 5 restantes estavam voltados para o que chamamos de “Teorização da prática”, ou seja, um conhecimento técnico voltado para uma prática específica, o fazer na área, não sendo observado nenhum trabalho de ordem crítica dos fundamentos teórico-metodológicos da Arquivologia.

Diante disso, embora seja observado um crescimento considerável na produção de conhecimento, nota-se que a preocupação mais recorrente da Arquivologia na Bahia encontra-se naquilo que chamamos de “teorização da prática”, enquanto os trabalhos de ordem crítica dos fundamentos teórico-metodológicos com vistas à consolidação da Arquivologia como ciência não tem sido priorizados. Um dos fatores que talvez possa ter contribuído para essa realidade na Bahia seja o fato de a maioria dos professores do Instituto de Ciência da Informação não possuírem formação específica na área de Arquivologia. Dos quinze professores que publicaram na temática de análise, somente três possuem formação na área, em nível de especialização em Arquivologia. Os demais possuem formação em outras áreas, como Biblioteconomia e História, e pós-graduação em Ciência da Informação.

Diante dos resultados obtidos, torna-se mais evidente a necessidade de uma abordagem crítica da Arquivologia a partir de um questionamento de seus próprios fundamentos teóricos juntamente com as suas práticas. Brito (2005, p. 87) reforça este pensamento afirmando que “para tanto, sugere o avanço na teoria e na prática de tal modo que a cientificidade venha a se tornar o ponto central da Arquivística, distanciando-se do senso comum tão presente na rotina dos arquivistas hodiernos”.

Para que haja efetivamente uma mudança nesta situação é preciso, ante de tudo, que sejam empreendidas discussões envolvendo os profissionais do arquivo desde sua formação nos cursos de graduação, pois como disse Jardim (1998, p. 3) “A iniciação à pesquisa pode e deve ter início na graduação. Os trabalhos de conclusão de curso constituem uma oportunidade para tal” avançando-se para os programas de pós-graduação.

Garante-se, desta forma, uma mudança de paradigmas centrada numa fundamentação teórica consistente, assumindo o profissional, por consequência, uma atividade que lhe é inerente, ou seja, a produção de conhecimento. No universo destes conhecimentos produzidos é de fundamental importância que parte destes esteja voltado para questões ligadas aos fundamentos teórico-metodológicos da Arquivologia, para que dessa forma se construa o saber arquivístico, pois segundo Japiassu (1986) “o conceito de “saber” poderá ser aplicado à aprendizagem de ordem prática (saber fazer, saber técnico...) e, ao mesmo tempo, às determinações de ordem propriamente intelectual e teórica” e assim venham contribuir para a consolidação desta como ciência.

## **Considerações finais**

Antes de tudo, deve-se deixar claro que se torna indispensável a realização de estudos mais extensivos, para que seus resultados possam servir de parâmetro para conclusões mais substantivas. Sugere-se o alargamento do universo de dados, bem como da amostra, já que a extensão do universo trabalhado na nossa pesquisa foi bastante reduzida, ainda que administrada com uma metodologia rigorosa e de forma laboriosa.

Entretanto, é forçoso reconhecer que essas discussões acerca do papel da Arquivologia como ciência ainda estão, de certo modo, em forma embrionária no Brasil. Seus fundamentos ainda continuam impregnados e estagnados com os, assim entendidos por muitos, já ultrapassados conceitos e princípios utilizados pela Arquivologia de sentido apenas custodial, pois, como foram constatados, os conhecimentos produzidos pela área ainda estão exaustivamente direcionados apenas para parte técnica, ou seja, para a “teorização da prática”.

Evidencia-se assim, conforme mencionado anteriormente, a necessidade de abordagens críticas da Arquivologia a partir de um questionamento de seus próprios fundamentos teóricos para que, dessa forma, a Arquivologia possa vir ser efetivamente consolidada como uma ciência produtora de conhecimento.

## **Referências**

ARQUIVO NACIONAL. **Subsídios para um dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.16, n. 3,, p. 67-74, 2002. Acesso em: 22 de Abril de 2008

BRITO, Djalma Mandu de. A informação arquivística na Arquivologia pós-custodial. **Arquivística.net**, v.1, n.1, p. 31- 50 jan/jun. 2005. Disponível em [www.arquivistica.net](http://www.arquivistica.net), acessado em 10 de Outubro de 2007.

FONSECA, Maria Odíla Kahl. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **O Problema da Consciência Histórica**. São Paulo: FGV, 2003.

HESSSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

Jardim, José Maria. **A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995)**. Ci. Inf., Set 1998, vol.27, no.3, p.00-00. ISSN 0100-1965. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n3/27n3a01.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2008

JARDIM, José Maria. **Transparência e opacidade do Estado no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.

MURALT, André de. **Metafísica do Fenômeno**. Lisboa: 34, 1998.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 1998

SILVA, Armando Malheiro da et al. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 2002.

SILVA, Sergio Luis da. **Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da criação do conhecimento**. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 143-151, maio/ago. 2004.